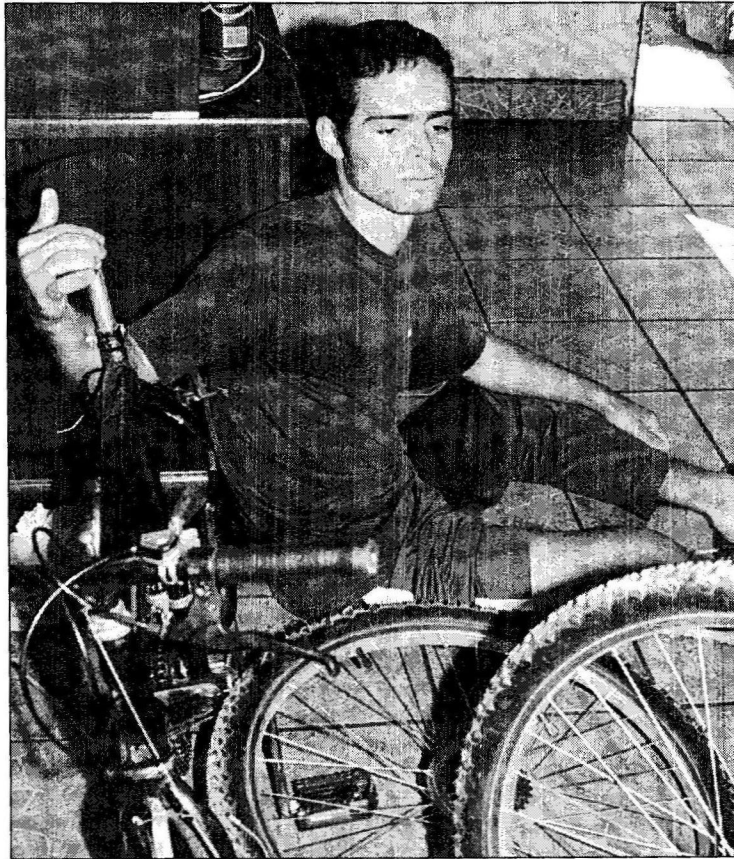


# Três dias numa maca de ferro, sem colchão

FABÍOLA GÓIS

O balconista Wesley Noato da Silva, 21 anos, testemunha do assassinato da estudante Jeniza Lima Ferreira dentro do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), reclama da precariedade do atendimento no hospital. Ele taxa o atendimento de "péssimo" e acusa médicos e enfermeiros de não dar atenção às reclamações dos pacientes. "Fui enxotado do hospital como se fosse um cachorro, ninguém deu a mínima para a minha mãe, que questionou sobre o meu estado de saúde", disse.

Wesley foi atropelado por um carro quando saía do trabalho, em Taguatinga, no dia 8 de julho. Minutos depois do acidente, semi-consciente, deu entrada no HRT, com fratura na rótula. Dormiu numa maca de ferro por três dias, sem colchão. Reclamou de dor de cabeça e do incômodo da maca, mas as enfermeiras disseram que nada podiam fazer. Sofrendo na maca, ele pediu autorização para que a sua mãe, Maria Nazaré, levasse um colchão. "Ela mandou um pra mim,



TONY WINSTON

**EM cadeira de rodas, Wesley teme ficar com seqüelas no joelho**

mas eles não o colocaram na maca", afirmou.

Ainda no hospital, ele reclamou da tala colocada na perna, que estava muito apertada, e pediu para tirá-la. "Deve ser por causa do

sangue; os médicos chegaram a tirar 190 mililitros do joelho", disse. Muito nervoso depois de ter presenciado o assassinato de Jeniza e a tentativa de suicídio do cabo João Bosco, Wesley foi aten-

dido por um psiquiatra. Chegou a tomar um calmante, contra a sua vontade.

No sábado, 22, Wesley estava pronto para se submeter a uma cirurgia na rótula. Mas, das 7h às 12h, nenhum médico apareceu. Somente às 13h, apareceu uma enfermeira para trocar a tala da perna, que tanto doía. A enfermeira anunciou que, por falta de anestesista, a cirurgia estava cancelada. Foi, então, remarcada para o próximo sábado, 29, embora não houvesse garantias concretas. "A própria enfermeira me disse que eu deveria correr atrás, ficar em cima dos médicos para poder ser operado, senão não conseguiria", disse.

Mesmo sem cirurgia, Wesley recebeu alta. "Nem calmante eles receitaram para o menino, que ainda tem pesadelos por ter presenciado um assassinato", afirmou a mãe, Maria Nazaré. Ela teme que o filho fique com seqüelas no joelho ou até impossibilitado de andar. "Ele é o mais velho dos meus seis filhos, e conto com ele para o sustento da casa", afirmou.

O chefe da Seção de Medicina Integrada do HRT, Solon

Teobaldo de Assis, disse que Wesley não foi submetido à cirurgia por falta de anestesista no hospital. "Temos poucos profissionais. Com a greve dos médicos, a situação piorou", justificou ele. Solon garante que no sábado Wesley será operado. "Faremos um mutirão para a realização de 14 cirurgias que tiveram de ser adiadas".

Sobre a denúncia de Wesley, de que passou três dias numa maca sem colchão, mesmo que sua mãe tivesse trazido um de casa, ele disse que o colchão não foi entregue ao paciente por medida de higiene. "Esse é um procedimento técnico, os objetos que vêm de fora podem estar contaminados", afirmou o médico.

Solon reconhece que o atendimento no hospital é precário. Ele disse que o pronto-socorro está muito cheio. "Existem pessoas que dormem na maca, sem colchão. Outras dormem sentadas na cadeira", contou. Depois que for submetido à cirurgia, Wesley fará fisioterapia na Policlínica, e terá acompanhamento psicológico.